

GLYNIS RIDLEY
TRADUÇÃO DE ROBERTO ARAÚJO

O SEGREDO DE JEANNE BARET



Copyright © 2010 by Glynis Ridley
TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA A
EDITORA EUROPA
Rua Alvarenga, 1.416 - CEP 05509-003 - São Paulo, SP
Telefone (11) 3038-5050
sac@europenet.com.br - www.europenet.com.br

>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Daniela Momozaki - CRB8/7714)

Ridley, Glynis

O Segredo de Jeanne Baret / Glynis Ridley, tradução

de Roberto Araújo — São Paulo : Editora Europa, 2020.

Título original: The discovery of Jeanne Baret

ISBN 978-85-7960-634-2

1. Botânica - França 2. Biografia I. Ridley, Glynis

II. Baret Jeanne III. Título

CDD 581

Índice para o catálogo sistemático

1. Botânica : 581

Diretor Executivo: Luiz Siqueira
Preparação de texto e design: Mario Fittipaldi
Revisão: Denise Camargo
Capa: Ludmila Tarenko, com ilustrações de Sydney Parkinson (buganvília), Shutterstock
(nau) e domínio público
Atendimento ao leitor: Fabia Lopes (fabiana@europenet.com.br)
Circulação: Paula Tauil (paula@europenet.com.br)
Promoção: Aida Lima (aida@europenet.com.br)

Baret, com o rosto banhado em lágrimas, reconheceu que era mulher; disse que havia enganado seu mestre em Rochefort, oferecendo-se para servi-lo com roupas masculinas no exato momento em que ele estava embarcando; que já havia servido antes a um cavalheiro genebrino em Paris, na qualidade de criado; nascida na Borgonha e tornada órfã, a perda de uma ação judicial levou-a a uma situação de sofrimento e inspirou-a na decisão de disfarçar seu sexo; que bem sabia quando embarcou que estávamos dando a volta ao mundo, e que tal viagem havia despertado sua curiosidade. Ela será a primeira mulher a fazer isso, e devo fazer justiça ao afirmar que sempre se comportou com a modéstia mais escrupulosa. Não é nem feia nem bonita e ainda não tem vinte e cinco anos.

— LOUIS-ANTOINE DE BOUGAINVILLE, NO DIÁRIO DE BORDO,
EM 28 DE MAIO DE 1768

Eu juro que aquele homem
nunca entendeu os animais.
Nomeou usando as palavras
só pelos seus tamanhos.

(...)

Eu prefiro laçar as palavras
pela cintura e usar nos cabelos
como guirlandas floridas durante
minhas longas caminhadas.

Sei que no próximo dia
vou encontrar todas murchas.

Eu gosto de mudanças.

— SUSAN DONNELLY, “EVA NOMEIA OS ANIMAIS”

APRESENTAÇÃO

Me apaixonei pela história de Jeanne Baret à primeira vista. Pesquisava para a revista *Natureza*, da qual sou editor, sobre botânicos no século 18 quando, meio que do nada, no mundo machista e inteiramente dominado por homens daquele período, me aparece uma mulher. Mais que isso, uma francesa que foi a primeira a dar a volta ao mundo em um navio. Como se não bastasse, vestida de homem.

Opa, aquilo merecia mais pesquisa. As descobertas se sucediam. Ela havia nascido pobre, camponesa, e era uma “mulher das ervas” — uma herbolária —, que conhecia plantas medicinais para ajudar a quem não podia ir a um médico. Foi também, incrível, a mentora botânica de um dos maiores naturalistas da época do Iluminismo, Philibert Commerson.

Cada vez mais apaixonado pela história, considerei escrever um livro sobre Jeanne Baret e aprofundei as pesquisas. Foi ela quem descobriu a brasileiríssima buganvília, bem aqui no Rio de Janeiro. Tinha tudo o que eu queria. Aventuras pelos mares protagonizadas por uma mulher, um painel de como era a ciência no século 18, uma história de amor entre uma camponesa e um aristocrata... Quando eu estava praticamente decidido a escrever, veio a grande decepção: o livro já estava escrito.

A professora britânica Glynis Ridley tinha feito uma pesquisa monstro sobre Jeanne Baret e, como especialista em século 18, muito melhor do que eu jamais faria. Corri importar o livro dela, *The Discovery of Jeanne Baret*. Esperei impacientemente sua chegada e devorei a narração bem fundamentada da professora que mergulhou em todos os originais da viagem de Louis-Antoine de Bougainville, comandante da expedição, e de todos os que documentaram o que tinha acontecido na vida de Jeanne Baret, começando pela sua certidão de nascimento.

Nesse momento, já perturbava o diretor-executivo da Editora Europa, Luiz Siqueira, para que adquirisse os direitos do livro para o Brasil. Mergulhei então na história para fazer a tradução com o gosto que teria se eu mesmo fosse o autor. E minha paixão só fez aumentar.

É, portanto, com muito gosto que vejo a história desta incrível mulher chegar ao público brasileiro. Jeanne, se seguisse o “roteiro” da dura vida de camponeses entre os quais nasceu, teria morrido esquecida, provavelmente antes dos 30 anos. Em vez disso, tomou as rédeas do seu destino, percorrendo o mundo com enorme sofrimento, o que incluiu até ser estuprada pelo médico do seu navio e ainda engravidar dele.

Jeanne atravessou o gelado Estreito de Magalhães, no extremo sul da América do Sul, percorreu todo o Oceano Pacífico, conheceu o Taiti, viveu alguns anos nas Ilhas Maurício e morreu aos 67 anos, perto do local que um dia viu a jovem herbolária partir com seu amante botânico para, literalmente, conquistar o mundo. Fez da sua vida uma história extraordinária, que vale a pena ser contada. E ficou para todo o sempre com o título de primeira mulher a circum-navegar o planeta. Ela, sim, soube fazer de sua vida o que bem quis, muito antes da palavra feminismo ser cunhada.

— *ROBERTO ARAÚJO*

INTRODUÇÃO

Em abril de 1768, dois navios franceses, o *Boudeuse* e o *Étoile*, ancoraram na costa do Taiti. Pela primeira vez em quase um ano, 330 oficiais e marujos pisavam em terra firme. Os navios, sob o comando de Louis-Antoine de Bougainville, viviam a aventura de circum-navegar o globo e reivindicar terras para a França.

Na praia, de repente, uma mulher solitária viu-se rodeada por um grupo de homens cujos olhares não escondiam suas intenções. Ela sentiu o perigo iminente. Gritou desesperada pedindo a ajuda de um oficial francês. Para a surpresa de quem depois ficou sabendo da história, não era uma nativa, mas fazia parte da tripulação. Um dos observadores franceses registrou o evento com um cuidado impressionante, dado o que estava sendo descrito: “Eles descobriram que o assistente de Commerson, o botânico, era uma garota que até então todos tratavam como se fosse um menino”.

Durante dois anos a bordo, Jeanne Baret apresentou-se como um rapaz, usando o nome Jean Baret, e trabalhou como o principal assistente do naturalista da expedição, Philibert Commerson. Quando uma antiga ferida impediu Commerson de coletar espécimes ao redor do Rio de Janeiro, foi Jeanne quem se aventurou pela mata e trouxe de volta a vistosa planta tropical que seria batizada em homenagem ao comandante da expedição: *Bougainvillea*. Quando os navios fizeram uma lenta passagem pelo Estreito de Magalhães, mais de uma vez Jeanne e Commerson foram pesquisar na costa e todos os seus movimentos eram visíveis dos conveses dos navios. Relatos escritos por observadores a bordo testemunhavam a força e resistência do assistente de Commerson, que jamais reclamava de carregar caixas e instrumentos — a pesada parafernália usada na coleta de plantas no século 18. Em um enorme esforço para evitar qualquer suspeita de que ela poderia ser alguma outra coisa além de um jovem muito forte, Jeanne imaginou o trabalho que um homem poderia fazer e depois se esforçou ainda mais. Com os seios achatados por faixas de linho enroladas em volta da parte superior do corpo, passou o maior sufoco quando os outros decidiram se despir. Durante toda a viagem, vigiou cada impulso que pudesse expor sua verdadeira identidade.

Porém, assim que desembarcou no Taiti, Jeanne se viu cercada de ilhéus do sexo masculino, cujos gestos evidenciavam a mesma oferta de múltiplos parceiros sexuais que as mulheres taitianas ofereciam alegremente ao resto da tripulação. Eles viam claramente através do disfarce de Jeanne o que os franceses pareciam não enxergar. Foi assim que os taitianos forçaram o fim de uma farsa de quase dezoito meses: Jeanne abandonou a ficção que tanto trabalho lhe custara para manter e assim se

salvar da ameaça de uma agressão sexual.

Ou, pelo menos, essa era a extraordinária história que os relatos oficiais quiseram fazer acreditar.

Além de manter um diário de bordo de acordo com as regras da Marinha, Bougainville também manteve um caderno com anotações mais detalhadas que pretendia publicar quando voltasse à sua querida França. Mas, em nenhum dos documentos, Bougainville poderia admitir que sabia dos rumores que começaram a circular sobre Jeanne poucos dias após a partida da expedição do porto de Rochefort. Isso porque o comportamento dela chamava a atenção em vários aspectos.

Com uma tremenda ânsia de vômito, o naturalista Commerson descobriu que seus sintomas diminuía se ele sentasse no convés, encostasse no mastro principal e respirasse ar puro. Jeanne também passou mal, porém permaneceu na cabine de Commerson, um privilégio sem precedentes para um mero assistente de um cientista aristocrata. Marinheiros novatos rapidamente se acostumaram a se aliviar nas cloacas — buracos cortados em uma área de convés que se projetava sobre o mar —, mas Jeanne nunca foi vista lá. Quando a expedição cruzou a linha do Equador e a tripulação se despiu para a anarquia ritualizada de “batismo equatorial”, Jeanne se destacou como a única pessoa vestida entre todos os participantes. Confrontada por um punhado de tripulantes determinados a conhecer a verdade, Jeanne insistiu que era homem, embora, como ela própria havia definido, um homem do tipo que um sultão turco escolhe como guarda de seu harém. A alegação de Jeanne de que era eunuco tinha sido cuidadosamente calculada; histórias antigas e traumáticas que atormentavam a imaginação dos marujos, que temiam ser capturados e castrados, impediriam mais investigações verbais ou físicas. Pelo menos era o que ela esperava.

Curiosamente, em todos os relatos da viagem nos diários oficiais escritos por Bougainville, há uma cortina de silêncio sobre Jeanne. Reconhecer que havia rumores de uma mulher a bordo do navio — uma proibição explícita nos regulamentos navais franceses — seria reconhecer que o comandante da expedição nada havia feito para investigar uma possível violação. E, do ponto de vista de Bougainville, uma investigação no mar teria sido desastrosa. Ele poderia ter forçado Jeanne a revelar seu disfarce e a questão estaria resolvida. Mas como um comandante sensato poderia revelar à sua tripulação que havia uma mulher solitária, fisicamente vulnerável, entre 330 homens? Ao se salvar dos taitianos, a partir da revelação da sua farsa, ela também evitou que Bougainville tivesse de agir em uma situação que se tornava cada vez mais insustentável.

Os outros viajantes — aristocratas e cientistas para quem a circum-navegação não era um trampolim em uma carreira naval — certamente perceberam que ali

havia uma boa história e não tinham a menor preocupação com as normas da Marinha que Bougainville devia respeitar. Na verdade, oito relatos da expedição de Bougainville sobreviveram contando a mesma história básica, porém cada uma com uma voz diferente.

Além do relato de Bougainville, existem as memórias de Pierre Duclos-Guyot e Philibert Commerson (eles compartilharam um diário, já que ambos navegaram no *Étoile*); Charles Nicolas Othon, príncipe de Nassau-Siegen (um passageiro pagante que viajou no *Boudeuse*); François Vivès (cirurgião do *Étoile*); Jean-Louis Caro (primeiro tenente do *Étoile*); Charles-Pierre-Félix Fesche (voluntário, navegando no *Boudeuse*); Joseph Herval (piloto, embarcou no *Boudeuse* nas Ilhas Maurício); e o nobre cavaleiro Walsh. Jeanne é citada nos escritos de quatro dos oito autores: Bougainville, Nassau-Siegen, Vivès e no diário mantido conjuntamente por Commerson e Duclos-Guyot. Vários detalhes nessas histórias podem ser comprovados em relatos da expedição mantida por Caro, Fesche, d'Herval e Walsh.

Dos oito narradores, apenas Bougainville editou seus diários para publicação, e eles se tornaram um sucesso. Mas os relatos inéditos — especialmente aqueles que fazem referência a Jeanne — foram escritos por pessoas completamente diferentes, que não ecoam a versão de Bougainville, mas, em vez disso, apresentam visões alternativas da expedição. Muitas vezes elas são mais detalhadas, mais críticas e mais inquietantes do que qualquer coisa que Bougainville escrevera. Nesse grupo está o príncipe almofadinha Nassau-Siegen, um aristocrata que pagou pela experiência de viagem e cujas roupas de veludo e longas perucas mantinham a ilusão de nobreza, mesmo quando a imponente figura foi obrigada a comer os ratos do navio com a fome rondando a embarcação. Confundido com uma mulher em mais de uma ocasião (geralmente por causa de sua peruca), o príncipe representa uma gloriosa ironia histórica: um homem que em várias ilhas onde o navio aportou fez com que os nativos ficassem convencidos de que era a única mulher entre 330 homens, mesmo enquanto Jeanne trabalhava por perto, coletando espécimes de plantas sob seu olhar simpático e interessado.

Outros eram hostis a Jeanne: o cirurgião de bordo François Vivès insiste em todo o seu diário que Baret comprou o silêncio dos oficiais se prostituindo. Em sua narrativa, detalha uma cena passada na Nova Irlanda (a nordeste de Papua-Nova Guiné), na qual ela foi encurralada por marinheiros que a despiram para provar que ela era uma mulher, e não um eunuco. Vivès teve o cuidado de descrever o incidente como um exame físico, e não como um estupro coletivo, mas deixa seu leitor intrigado com uma série de possibilidades bem desagradáveis: se Jeanne foi efetivamente estuprada, isso não pareceu nem um pouco importante para ele; havendo ou não estupro, o humilhante exame a que foi submetida pareceu-lhe bem

divertido; ou então o incidente nunca aconteceu, mas ele gostaria de imaginar que sim. E, seja lá o que tenha ocorrido, qual papel o próprio Vivès teria desempenhado nesse episódio? Ele recordou cenas que vivenciara ou apenas relatou o que alguém lhe contara? O certo é que o próprio relato condena o seu autor pelo tom no qual transparece que ele era um *voyeur* sádico que se deliciou com o sofrimento de uma mulher.

Os tripulantes europeus não foram os únicos a documentar suas impressões a respeito da moça. Excepcionalmente, para uma expedição dessa natureza, existem até relatos e observações daqueles a quem os franceses se propuseram a observar. A versão do que aconteceu do ponto de vista dos taitianos está disponível no testemunho de Aotourou, o irmão do chefe taitiano, Ereti, e o mais alto na hierarquia dos nativos escalados para saudar Bougainville em sua primeira chegada ao Taiti.

Por um mês, os dois navios permaneceram na ilha e, por todo esse tempo, Aotourou ia de um barco a outro mantendo intenso contato com a tripulação de Bougainville. Quando a expedição se dispôs a zarpar, ele tinha se familiarizado com a língua francesa o suficiente para insistir em ser levado para a França. Bougainville adorou a ideia, certo de que o taitiano podia ser um excelente intérprete caso encontrasse nativos de outras ilhas, podia explicar os costumes do seu povo para os cientistas e, o melhor de tudo, seria uma figura exótica que causaria uma enorme admiração no rei francês. Apesar de Aotourou não ter deixado suas impressões sobre o que aconteceu depois que a expedição partiu do Taiti, sua descrição de como Jeanne foi vista pelos taitianos revela uma visão privilegiada sobre o que os ilhéus estavam pensando.

A pessoa mais próxima de Jeanne era o homem a quem ela servia: o botânico de renome internacional Philibert Commerson. Quando o segredo da jovem foi revelado no Taiti, ele quis se mostrar tão surpreso quanto qualquer pessoa. Que ele ignorasse a verdadeira identidade de Jeanne desafia o bom senso e só poderia ter algum fundamento se ele nada tivesse percebido nos dois anos nos quais ela foi sua assistente em Paris antes da expedição, o que não fazia nenhum sentido, já que ela tinha lhe dado um filho. Felizmente para Commerson, Bougainville não dispunha de meios nem tinha o mínimo desejo de investigar a história do casal. Assim, a reputação de Commerson permaneceu irreparável na documentação oficial.

Cientista brilhante, cuja obra chamou a atenção de Luís XV, Commerson não resistia em polemizar com aqueles à sua volta. Ainda estudante, despertou grande hostilidade em um dos seus professores quando, no meio de uma palestra, não hesitou em interromper o orador para informar que seu pensamento era retrógrado e ultrapassado frente às últimas descobertas científicas da época. A precocidade de

Commerson e as intensas pesquisas botânicas que realizava antes mesmo de se formar, chamaram a atenção de Carlos Lineu, seu contemporâneo e um dos maiores botânicos de todos os tempos. Mas ele sabia ser charmoso e encantador quando queria: a nomeação real de Commerson para a expedição de Bougainville foi estimulada por cartas de recomendação de Voltaire, da rainha Louisa Ulrika da Suécia e, especialmente, daquele que foi o maior incentivador para a indicação real — o próprio Lineu.

O diário de bordo de Commerson era um trabalho conjunto com um entusiasmado jovem marinheiro a bordo do *Étoile*, Pierre Duclos-Guyot, um dos três membros da mesma família que participaram da viagem. O pai de Pierre, Nicolas-Pierre Duclos-Guyot, era o capitão do *Boudeuse* e usou sua influência para encaixar seus filhos, Pierre e Alexandre, em bons cargos na expedição, já que ambos estavam interessados em uma carreira naval. Alexandre viajou no *Boudeuse* com seu pai e foi encarregado de preparar novos mapas do Atlântico Sul. No *Étoile*, longe do olhar paterno, Pierre exibia as mesmas habilidades de desenhista que seu irmão e, enquanto as cartas marinhas do Estreito de Magalhães podem ser atribuídas a ele, Pierre claramente achou muito mais estimulante contribuir para um diário que poderia ser publicado por um aristocrata como Commerson. De sua parte, Commerson ficou feliz por poder contar com o conhecimento técnico do jovem cartógrafo, que queria desesperadamente ser útil. Quando Duclos-Guyot finalmente se cansou da abordagem caótica de Commerson para organizar os registros das descobertas, o diário ficou em branco. Hoje há um enorme interesse principalmente para as requintadas aquarelas contidas em suas páginas, pelas quais Commerson registrou com fidelidade novas espécies de flora e fauna da terra e do mar. Mas o número de ilustrações de Duclos-Guyot no diário é ofuscado pelo número de espécimes coletados por Jeanne e Commerson. Mais de seis mil itens precisavam de catalogação e, até que a coleção chegasse aos portos franceses, Jeanne e Commerson viviam e trabalhavam no meio deles.

Assim, as narrativas discrepantes de todos esses homens precisam ser reunidas para finalmente permitir que a história de Jeanne seja contada, pois a própria Jeanne jamais se manifestou. Compartilhando uma cabine com Commerson durante toda a expedição, como ela poderia manter um diário sem que seu relacionamento com Commerson constituísse um de seus temas centrais? No entanto, escrever sobre eles e o relacionamento que mantinham criaria um documento que poderia destruir a carreira do botânico. É só lembrar que a nomeação de Commerson para a expedição veio do próprio rei, assim como era uma ordenação real proibir mulheres a bordo dos navios franceses. Desprezar as ordenações reais mantendo uma mulher a bordo era o mesmo que fazer pouco de

seu patrocínio. Qualquer que fosse a natureza do pacto entre Jeanne e Commerson, parece certo que qualquer comentário que pudesse prejudicar o cientista estava fora de questão.

Jeanne pode ter se mantido em silêncio pela necessidade de não comprometer Commerson durante a viagem, mas por que ela não escreveu suas próprias memórias em seu retorno à França? O apetite do público pelos relatos de viagens, factuais ou fictícios, não importava muito, parecia inesgotável. Os leitores do século 18 e do século 19 velejaram os oceanos do mundo a partir do conforto de sua poltrona, deliciando-se em narrativas e acompanhando tudo pelo mais importante objeto que qualquer cavalheiro tinha em sua biblioteca: um globo terrestre.

Infelizmente para Jeanne, o tempo jogava contra ela. Partindo para a circum-navegação em 1766, ela não voltaria para a França continental até 1775 — seis anos após o retorno da expedição de Bougainville. Apenas Jeanne, Commerson e o astrônomo Véron estavam ausentes do retorno triunfante de Bougainville em 1769: eles permaneceram no assentamento colonial francês nas Ilhas Maurício. Para Jeanne, o que deveriam ser agradáveis passeios pela praia enquanto entrava para os livros de história, se convertera em um longo processo judicial movido pelo governo francês e por parentes de Commerson. Enquanto isso, a versão de eventos narrada por Bougainville se consagrava na mente do público; seu relato da circum-navegação fora publicado em Paris em 1771 e traduzido para o inglês no ano seguinte. O filósofo Denis Diderot chegou a usar as descrições de povos insulares de Bougainville como ponto de partida para suas próprias especulações sobre a natureza da civilização; seu *Suplemento à Viagem de Bougainville* apresenta uma harmoniosa continuação dos temas iniciados no original de Bougainville. Como Jeanne não teve chance de se fazer ouvir, o livro de Diderot repetia a história de Bougainville sobre a exposição da jovem no Taiti (não porque Diderot estivesse minimamente interessado no que acontecera com Jeanne, mas porque estava curioso sobre o estilo de vida dos taitianos, completamente diferente do europeu).

Que esperança poderia haver para uma pessoa da classe trabalhadora que ousasse desafiar um herói nacional? Qualquer manifestação de uma mulher que tapeou seus companheiros de viagem por mais de dois anos faria com que ela fosse prontamente taxada de mentirosa. Pior ainda para Jeanne, a visão de seus contemporâneos sobre qual deveria ser o papel adequado da mulher na sociedade faria com que qualquer manifestação do seu conhecimento botânico só servisse para que ela fosse rotulada de prostituta.



A taxonomia — a classificação de todos os seres vivos, vegetais e animais, de acordo com as semelhanças de “família” — pode não parecer a arena ideal para a

interminável e histórica guerra dos sexos. Mas, ao longo do século 18, as tentativas das mulheres de se envolverem nesse mundo dominado pelos homens gerou uma forte resistência. A exclusão sistemática das mulheres do campo da taxonomia tem tudo a ver com a história de Jeanne. O silêncio histórico que a envolve não pode ser corretamente explicado sem que se entenda um mínimo da história da taxonomia. Qualquer pessoa que tenha procurado o nome de uma planta desconhecida, mas atraente, na esperança de adicioná-la a seu jardim, estará familiarizada com a frustração de saber da imprecisão do “nome popular” e que, para ter certeza do que se trata, é preciso uma palavra latina, ou melhor, duas. Esse sistema de classificação binomial, formulado pelo botânico sueco Carlos Lineu na primeira metade do século 18, identifica todos os seres vivos por gênero e depois por espécie, usando o latim, que era a linguagem universal do discurso científico naquele tempo. Não importa que a análise de DNA tenha redefinido certezas anteriores sobre as famílias de plantas, ou que a reprodução de plantas tenha produzido gerações de híbridos que podem ostentar três ou quatro nomes, ainda hoje se depende da estrutura taxonômica lineana para descrever o mundo natural.

Essa sobrevivência seria uma tremenda revelação para os contemporâneos de Lineu. Nem de longe seus colegas cientistas acreditavam que a classificação proposta por ele ganharia ampla aceitação. Ficou memorável a maneira como William Smellie a explicou na primeira edição da *Enciclopédia Britânica* em 1768: “Obscenidade é a própria base do sistema de Lineu”. Como pode um sistema taxonômico ser obsceno? Lineu colocou plantas em grupos familiares com base no que poderia ser observado de suas estratégias reprodutivas: o número e arranjo de estames masculinos e pistilos femininos no coração de cada flor. Os jardineiros podem efetivamente reproduzir uma planta, colhendo mudas ou dividindo touceiras, mas, no curso natural das coisas, o mundo vegetal se volta para o mesmo princípio de reprodução sexual utilizado pelos animais. Tentando ajudar seus leitores a compreender a ideia da reprodução sexual vegetal, Lineu explicou a reprodução sexual das plantas com analogias extraídas das relações humanas. Smellie aqueceu o tema da “obscenidade” do sistema lineano, pedindo aos leitores que considerassem que “havia um grau de indelicadeza na expressão que não podia ser excedido pelos escritores de romances obscenos”. Por exemplo, Lineu dizia que “o cálice é a câmara nupcial onde o estame e o pistilo sacramentam suas núpcias”.

Para qualquer mulher que fosse aspirante a estudante de botânica, a taxonomia lineana convidava a um entendimento claro e aberto sobre a capacidade reprodutiva, tanto animal quanto vegetal. A escritora protofeminista Mary Wollstonecraft chegou a recomendar, em 1792, que as mulheres recebessem uma educação botânica para promover tanto o desenvolvimento da mente quanto um

maior conhecimento sobre o próprio corpo. Wollstonecraft comparou as mulheres botânicas com Eva no Jardim do Éden, argumentando que a mulher culta poderia manter a “pureza de espírito” mesmo quando possuísse o “fruto do conhecimento”. Previsivelmente, os comentadores masculinos do século 18, como comprovado por William Smellie, não eram nem um pouco favoráveis à presença das filhas de Eva no jardim.

Jeanne viveu então em um momento de intenso debate sobre a exposição das mulheres ao conhecimento científico. Uma apreciação “adequada” da natureza era considerada uma marca do refinamento feminino do século 18, embora fosse considerado “inadequado” para a dama ser capaz de desenvolver conhecimento a ponto de descrever em latim uma espécie de planta. Mesmo que ela tivesse voltado para a França com o resto da expedição de Bougainville em 1769, Jeanne não poderia esperar qualquer reconhecimento público de seu trabalho na expedição: uma passageira clandestina era uma curiosidade, mas uma botânica do sexo feminino era uma violação na ordem natural das coisas. Como o livro do Gênesis lembrava aos contemporâneos de Jeanne, foi Adão que recebeu o privilégio de nomear tudo o que foi encontrado no Éden. Quando Eva ambicionou mais conhecimento, foram expulsos do Paraíso e o mundo mudou para sempre.

Parte do privilégio de nomear novas descobertas no mundo natural é a oportunidade de homenagear as pessoas que ajudaram na descoberta. Como a expedição de Bougainville circuleu o globo, rios, baías e ilhas foram nomeados para homenagear quem estava na viagem. A maioria desses nomes sobrevive apenas no registro cartográfico: como as terras visitadas se tornaram colônias e as colônias tiveram de lutar com muita dificuldade para conseguir a independência, os nomes dos colonizadores foram apagados da história. No campo da história natural, no entanto, os nomes de grandes botânicos, zoólogos e exploradores sobrevivem, incorporados à taxonomia lineana de gêneros e espécies. Commerson não hesitou em celebrar a si mesmo em todos os ramos da criação, e hoje mais de setenta espécies levam o nome *commersonii* (embora alguns tenham sido nomeados em sua honra após sua morte). Ele é comemorado em pássaros e mamíferos, samambaias e flores, moluscos e insetos. Além disso, honrou seu comandante com a brasileira *Bougainvillea*, e o nome de seus colegas oficiais foram usados para batizar algumas das mais de seis mil espécimes coletados com Jeanne.

Jeanne Baret, por outro lado, recebeu o reconhecimento de um único gênero (compreendendo apenas três espécies): *Baretia*. Não é de se estranhar que os taxonomistas reclassifiquem gêneros e espécies e os renomeiem no processo, e, embora a comemoração de Commerson tenha permanecido praticamente intocada pela história taxonômica, o gênero de planta *Baretia* não existe mais: espécies

nomeadas para lembrar Jeanne Baret foram incluídas no gênero *Turraea*. Agora, nada que Jeanne coletou e preservou leva seu nome.



Para os contemporâneos de Jeanne, que se preocuparam em considerar as implicações mais amplas de sua história, parecia improvável que ela servisse de modelo para outras mulheres. Como Bougainville escreveu: “Ela será a única do seu sexo [a circum-navegar o mundo] e eu admiro sua determinação. . . Mas seu exemplo dificilmente será contagioso”. Certamente, os detalhes desagradáveis e grosseiros da existência cotidiana de Jeanne a bordo dificilmente inspirariam imitadoras. Por mais de dois anos, Jeanne suportou o enjoo, a solidão e a fome; resistiu aos extremos do clima do globo no convés e em terra; trabalhou duro, apesar de dores por todo o corpo; e isso sem nenhuma possibilidade de relaxamento, físico ou mental, durante toda a viagem. Bougainville estava certo: essas coisas estão longe de fazer com que outras mulheres desejem se colocar em seu lugar.

Mas o desejo de Jeanne de experimentar mais do mundo fica ainda mais extraordinário ao se considerar suas origens. Ela nasceu na classe mais baixa de camponeses franceses, cujas vidas se desenrolavam num círculo de 30 quilômetros, no máximo, em redor do local de seu nascimento. A qualquer trabalhador rural seria inconcebível ver a neve se acumular no convés de um navio como o *Étoile* enquanto Jeanne se preparava para mais uma difícil caminhada nas margens do Estreito de Magalhães. Certamente seria espantoso poder admirar estranhas formas de vida como pinguins, leões-marinhos e baleias desfilando ao lado do navio em regiões remotas do extremo sul do planeta. Quando os navios finalmente chegaram ao Pacífico e Jeanne passava os dias encharcada de suor pelas torturantes bandagens que escondiam seus seios, será que o desconforto físico foi atenuado pela visão de bandos de golfinhos perseguindo peixes voadores? O que será que ela sentiu ao ver as majestosas raias mantas e as gigantescas tartarugas marinhas registradas nesse trecho da viagem? Quando um nativo como Aotourou se sentou ao seu lado, ela teria refletido sobre as diferenças do estilo de vida das que hoje seriam chamadas de ultraliberais taitianas e das oprimidas mulheres europeias?

Bougainville achava que o exemplo de Jeanne provavelmente não era contagioso por causa das privações físicas e da brutalidade que ela experimentara. Mas ignorou o fascínio da ideia de aventura que ela incorporava: que um ser humano, independentemente dos acasos da sorte, sempre tem uma enorme disposição para descobrir novos mundos, com suas plantas, seus animais, e diferentes grupos humanos. E que, cor da pele, classe social, ou gênero sexual jamais devem ser uma barreira. Simplesmente porque é impossível saber até onde a curiosidade e as novas descobertas podem levar você. À Jeanne Baret levou a ser a primeira mulher a

circum-navegar a Terra.

“UMA LISTA DE PLANTAS MEDICINAIS” O botânico e a herbolária



Nos registros da paróquia mantidos na cidade de Autun, no Vale do Loire, na França, há esta anotação feita no verão de 1740:

No dia vinte e sete de julho de 1740 nasceu, e no dia vinte e oito foi batizada, Jeanne, filha legítima de Jean Baret, diarista de Lome, e de Jeanne Pochard. Seu padrinho é Jean Coureau, diarista de Poil, e sua madrinha, Lazare Tibaudin, que não está assinando.

A partir do momento em que uma pessoa nasce, começa a criar uma trilha de papel. Há uma variedade quase infinita para onde esses caminhos podem ir. Mas todos começam em um mesmo documento oficial: a certidão de nascimento. A vida de Jeanne Baret começa não apenas pelo registro burocrático, mas pela história que esse papel revela. Como em todas as histórias, mesmo um texto curto como esse pode dizer muito mais do que é possível imaginar à primeira vista, não apenas pelo seu significado, mas levando em conta quem escreveu, as circunstâncias envolvidas e o que todas essas coisas juntas significam.

A caligrafia instável e a ortografia arcaica do original sugerem que o pároco, padre Pierre, era velho e, por isso, a sua descrição do padrinho da criança como sendo “à poil” (em francês, literalmente “em pele”, nu) em vez de “à Poil” (da aldeia de Poil) pode ser atribuída com segurança à debilidade do autor, em vez de uma irônica travessura na documentação legal. De fato, não havia muito para o padre achar engraçado na situação daquela família. Não só não há assinaturas de qualquer dos adultos presentes ao batismo de Jeanne Baret, como também nem mesmo uma

cruz foi rabiscada pelos padrinhos no registro. Qual seria o significado de tal ação em uma época em que as taxas de analfabetismo eram tão elevadas que chegavam a 80 por cento para os homens e 90 por cento para as mulheres? Ainda é preciso levar em conta que a região era um enclave de cultura feudal, um lugar que chamava a atenção, horrorizava e fascinava os comentaristas sociais do Iluminismo europeu por reunir os últimos servos na França.

Os pais de Jeanne Baret não possuíam nada. Eles se levantavam com o sol todas as manhãs para vender seu trabalho por um único dia, tanto fazia se fosse semear, cuidar das plantações ou colher, dependendo da estação do ano. Apesar de viverem em uma das melhores regiões de caça, com excelentes fazendas produtivas, a uma curta distância das vinhas pelas quais a região é agora famosa, passaram muita fome no inverno, época em que ninguém oferecia trabalho aos diaristas. Como em outras regiões da França, tiranos locais exerciam a lei à sua maneira e a Borgonha estava sob o domínio de senhores feudais, ou *seigneurs*, que eram notórios por impor seus direitos de propriedade. O *seigneur* dos Baret mantinha vários barracos de madeira em ruínas onde seus trabalhadores dormiam, possuía a terra na qual eles trabalhavam, e tudo o que fosse colhido era dele. Eram ainda os seus agentes que escolhiam os trabalhadores a cada dia e, se alguém não fosse escolhido, não tinha onde procurar outro trabalho.

O leitor moderno pode se perguntar por que famílias como a dos Baret não iam embora simplesmente, levando seu bem mais valioso, sua capacidade de trabalho duro, para um lugar onde as condições fossem melhores. Mas a inércia é uma força poderosa e, antes da Revolução Industrial no século 19, o habitante europeu médio nunca ia além de 30 quilômetros de sua casa. Os pais de Jeanne Baret sabiam pouco sobre o mundo além da porção a que estavam acostumados, mesmo quando eles e os outros cidadãos passavam vez ou outra pelo vale do Loire, cuja presença contrastava a pujança dos castelos com as condições miseráveis de vida dos trabalhadores.

Do castelo, um desses observadores, o grande engenheiro militar francês Sébastien Le Prestre de Vauban, dificilmente poderia conter sua incredulidade em ver o que a população comum suportava. Sua descrição deixava claro que a distância entre um trabalhador rural e um cavalo de fazenda era insignificante: “Eles vivem com nada além de um tipo de pão que é um misto de cevada e aveia, do qual eles sequer removem o farelo, o que significa que o pão às vezes pode ser erguido por palhas que saem dele. Eles... raramente bebem vinho, comem carne não mais que três vezes por ano... Adicione a isso o que eles sofrem com a exposição às intempéries: tanto no inverno como no verão, três quartos deles não vestem nada além de linho esfarrapado meio apodrecido e calçam tamancos

durante o ano todo, sem nenhuma outra proteção para os pés. Se um deles tem sapatos, só usa nos dias dos santos e aos domingos”. Nesse contexto, não chegava a ser surpreendente que aqueles a quem Vauban descreveu, tanto homens como mulheres, raramente chegavam aos 30 anos (na época, vinte e seis anos era a expectativa média de vida dessa classe).

Mas, quando a garotinha nascida de Jean Baret e Jeanne Pochard chegou aos vinte e seis anos, ela estava morando em um elegante apartamento em Paris, organizando papéis e preparando espécimes naturais para o eminente (e terrivelmente desorganizado) botânico Philibert Commerson. Ainda nos seus vinte e seis anos, Jeanne Baret veria o Rio de Janeiro, navegaria pelo Estreito de Magalhães e contemplaria as águas do Oceano Pacífico, que se esticava até o mais distante horizonte azul. Que combinação de circunstâncias permitiu a Jeanne ir muito além das mortais limitações da vida de seus pais?

A associação de Jeanne com o botânico Philibert Commerson — um relacionamento que começou em algum momento no início da década de 1760 — inegavelmente ajudou a tirá-la da pobreza. Tentando explicar a educação de Jeanne ou sua facilidade em organizar e cuidar das coleções científicas, vários escritores que escreveram sobre a vida de Jeanne sempre afirmaram que muito dela era criação de Commerson. Mas a suposição de que Commerson trouxera Jeanne para o seu abastado mundo porque foi cativado por uma combinação de beleza e doçura da parte dela é tão romântica quanto equivocada. Mesmo que Jeanne tivesse uma beleza extraordinária quando criança, ela vinha de um mundo onde a graça infantil acabava muito cedo, e a exaustiva rotina da luta pela subsistência teria proporcionado pouca oportunidade para conhecer um homem da classe de Commerson. (Afinal, até Cinderela teve que ser transformada em uma princesa para ser reconhecida como tal.) Mesmo supondo que Commerson tenha sido fisgado à primeira vista por uma linda, porém humilde e oprimida, diarista analfabeta e sem instrução, seriam mínimas, senão ridículas, as chances de que o interesse dele durasse por muito tempo. Vale lembrar que Commerson não tinha hesitado em interromper e corrigir publicamente os erros de seus ilustrados professores universitários no meio de suas palestras e dá para afirmar que sua tolerância era mínima com aqueles a quem ele considerava menos capazes do que si próprio.

Então, qual é a interseção entre esses dois mundos de meados do século 18 se, de um lado, havia uma pobre jovem aldeã do Loire e, de outro, o rico cavalheiro cientista de Paris? Jeanne e Commerson se reuniram no ponto de encontro entre duas visões muito diferentes do mundo natural: uma tradição folclórica e feminina em torno das propriedades medicinais das plantas e do campo emergente da taxonomia, dedicada a nomear e classificar o mundo natural. Jeanne chamou a

atenção de Commerson porque ela possuía conhecimento botânico que estava muito além da competência de seus professores e mentores. Ela era uma herbolária: uma mulher iniciada na tradição oral das propriedades curativas de plantas. Por séculos, foram as herbolárias que coletaram as plantas certas, prepararam as misturas e deram as indicações aos médicos do sexo masculino de como atender e curar os seus pacientes. Quando a botânica se firmou como uma ciência no século 18, os botânicos do sexo masculino não tinham alternativa que não fosse aprender com essas especialistas. Sob essa luz, Jeanne não era aluna de Commerson, mas sua professora.



As mulheres das ervas do vale do Loire setecentista eram completamente desconhecidas e representavam a parte mais fraca de uma das mais longas batalhas dos sexos na cultura ocidental. Desde os primórdios da medicina grega clássica até a primeira metade do século 19, as mulheres do campo forneciam aos homens da cidade todas as ervas que estavam na prateleira dos farmacêuticos. Eles vendiam, mas não tinham a mais remota ideia de como eram essas plantas na natureza, nem de qual era a parte delas que deveria ser colhida, tampouco de como deviam ser secas ou trabalhadas.

Muitos negócios e serviços operados por homens contavam com o suprimento de ervas femininas: apotecários, que funcionavam como clínicos gerais, bem como manipuladores e vendedores de drogas para fins médicos; farmacêuticos, que eram em teoria apenas vendedores, mas que na prática agiam como médicos, dando conselhos de saúde junto com compostos em pó, folhas secas, sementes e cascas; médicos propriamente ditos, que se gabavam de terem feito medicina na universidade e mantinham sempre ao alcance da mão uma boa variedade de ervas úteis; e barbeiros-cirurgiões, os únicos que arriscavam abrir o corpo humano ou remover órgãos doentes, que precisavam de narcóticos e sedativos à base de plantas para reduzir a sensibilidade dos pobres pacientes. Dentistas, que também precisavam de anestésicos para seus clientes infelizes, e até veterinários, que gostavam de receitar pomadas e poções com os donos de animais premiados. E, por último, mas não menos importante, entre as clientes das herbolárias do século 18, surgiu uma das inovações mais surpreendentes da época: parteiros (ou obstetras). Antes do século 18, obstetrícia tinha sido uma prática exclusiva das mulheres, e muitas herbolárias também serviram suas comunidades locais como parteiras. Mas, como o décimo oitavo século era o das inovações, “parteira-homem” tornou-se uma alternativa a mais que podia ser escolhida para o parto das mulheres da classe alta e das classes médias abastadas. E, claro, eles precisavam das herbolárias para que fornecessem as drogas supostamente boas para mãe e filho. Assim, as mulheres das

ervas possuíam um inigualável conhecimento do reino vegetal, enquanto os médicos do sexo masculino gozavam do *status* social e do poder.

As piadas profissionais raramente são engraçadas para pessoas de fora. Mas uma anedota contada pelo estudioso renascentista Otto Brunfels ilustra com perfeição a desconexão centenária entre a visão acadêmica da botânica e a prática no dia a dia com as plantas. De acordo com ele, um médico do século 16 chamado Guillelmus Copus da Basileia deu um jantar para seus colegas médicos da Faculdade de Medicina de Paris. Puxando uma folha da salada, Copus perguntou a seus convidados se algum deles era capaz de identificar aquela erva. Ninguém sabia e todos concordaram que o saboroso ingrediente deveria ser algo exótico, recentemente introduzido na cozinha. O anfitrião chamou então a cozinheira para ver o que ela tinha a dizer a respeito e pôde se divertir com a enorme cara de surpresa de seus convidados ao saberem que aquela erva “inidentificável” não passava de uma banal salsinha.

Dois séculos depois, mesmo que a anedota para os botânicos do século 18 pudesse ser considerada um mito urbano, a questão de gênero e classe social que dá à anedota a sua picardia se traduz da mesma maneira: a serva-mulher exibindo mais conhecimento de senso comum do que todos os homens instruídos reunidos em uma sala. E isso deixa mais enfática uma questão específica: mulheres comuns sabem como as plantas se parecem no campo e na cozinha, enquanto cientistas masculinos supostamente muito bem instruídos sabem apenas o que lhes é dito.

O primeiro jardim botânico universitário no mundo ocidental teve início em Pádua, em 1533. Foi concebido para ajudar a corrigir essas lacunas de conhecimento dos estudiosos do sexo masculino. Professores de botânica e de física (isto é, medicina) podiam então observar o básico do que havia nas lojas dos farmacêuticos dentro dos próprios muros da faculdade, sem experimentar a inconveniência e o constrangimento de serem vistos vasculhando o campo em busca de ervas que eles conheciam apenas de livros de referência ilustrados de forma imperfeita. Em uma era na qual as ilustrações só podiam ser feitas em xilogravura, a imprecisão do entalhe feito na madeira só servia para obscurecer a identificação. Pior, como o conceito da pétala sequer havia sido formulado, mesmo os melhores herbários (livros botânicos de referência) se mostravam completamente inadequados quando usados como guias na identificação das plantas. Logo outras respeitadas universidades, como Pisa e Florença, seguiram o exemplo, estabelecendo seus próprios jardins botânicos.

Mas, ao longo dos séculos, para um punhado de botânicos do sexo masculino, permaneceu óbvio que o amplo conhecimento do poder das plantas era das herbolárias, que passaram sua sabedoria acumulada de mãe para filha através das

gerações. Poucos homens educados estavam dispostos a engolir seu orgulho e aprender com as mulheres das ervas. Na década de 1530, a estupidez de seus colegas comedores de salsinha obviamente causou tal impressão em Brunfels que ele declarou o valor da aprendizagem com o “elevado conhecimento das velhas senhoras”. Em 1534, o médico alemão Euricius Cordus também admitiu buscar conhecimento com as “mulheres e os lavradores mais pobres”; Anton Schneeberger, um botânico polonês, declarou, em 1557, que “não era vergonha ser discípulo de uma velha camponesa”. Quando essas raras declarações ocorreram, deixaram claro que, embora oscilando entre o preconceito e o furtivo, o que estava em jogo de forma clandestina era o conhecimento botânico das mulheres camponesas.

E esse conhecimento conferia uma vantagem profissional incalculável. O maior botânico britânico do século 18, Sir Joseph Banks, que batizou a Botany Bay na Austrália em 1770 e cuja coleção continha mais de vinte mil espécimes de plantas, tinha um comportamento diferente de seus contemporâneos desde muito jovem: ainda um estudante em Eton, pagava seis pence por planta que uma herbolária lhe trouxesse e lhe explicasse do que se tratava. Embora essas visitas causassem sorrisos de deboche entre seus colegas de classe, Banks aprendeu mais sobre o reino vegetal do que qualquer de seus contemporâneos, e esse conhecimento lhe trouxe fama, influência e riqueza — sem mencionar sua enorme contribuição ao comércio imperial britânico do século 18.

Philibert Commerson pertencia às fileiras dos botânicos do sexo masculino que não vacilavam em procurar conhecimento entre as mulheres das ervas. Mas, ao contrário dos botânicos citados, que pareciam se esforçar para deixar bem claro que suas instrutoras eram velhas senhoras, a professora de Commerson era a charmosa jovem Jeanne Baret.



Quando o nascimento e o batismo de Jeanne foram registrados na paróquia de Autun em 1740, Philibert Commerson já tinha doze anos e vivia a mais de 150 quilômetros ao sul, com um estilo de vida que nada tinha a ver com a dura busca diária pelo jantar da família Baret. Quando Commerson nasceu, em 18 de novembro de 1727, foi o primeiro dos sete filhos de Georges-Marie Commerson. Era uma família de advogados. Georges-Marie havia se beneficiado da convicção de seu próprio pai de que o direito podia oferecer um caminho que ia além das possibilidades dos lojistas provinciais e pequenos comerciantes. E o pai do futuro botânico, por sua vez, desenvolveu ambições ainda maiores para seu filho mais velho.

A família Commerson vivia em Châtillon-sur-Chalaronne, uma pequena e próspera comuna com pouco menos de dois mil habitantes, quase 50 km ao norte

Lyon. Para quem vai à França atualmente em busca daquele local idealizado com uma boa e saudável vida no campo, Châtillon (embora agora tenha mais que o dobro da população do século 18) reserva uma surpresa agradável: suas casas em estilo enxaimel estão espalhadas em ruas com um traçado medieval que, em combinação com um castelo em ruínas do século 11 e um mercado coberto do século 17, sugerem uma longa história de prosperidade e conforto doméstico. Em tais cidades, o triunvirato de sacerdote, médico e advogado constituía o ápice de influência e poder local: uma posição que o advogado Georges-Marie Commerson sempre propagou, sem esconder que entre sua ilustre clientela estava o aristocrata morador da cidade, o príncipe de Dombes.

Por toda a Europa do século 18, membros ambiciosos de uma classe média emergente aspiravam ascender para as fileiras da nobreza, seja por meio de carreiras profissionais que dessem destaque, seja por meio de casamentos arranjados. Na França, um dos mais cobiçados sinais de *status* dentro das fileiras da classe média era o direito de usar o que os franceses chamam de *particulair*: a palavra “de” antes de um sobrenome, indicando que aquela pessoa é a dona de uma cobiçada propriedade. Não importava que um número crescente de prósperos empresários do século 18 comprasse lotes de terra para fazer deles *particulaires*: Foi (antes da Revolução de 1789) e é até hoje uma forma de nomenclatura francesa omitida por ser considerada por muitos como deselegante socialmente. Assim, talvez, não seja surpreendente descobrir que, mesmo quando tivesse que apertar o orçamento e se virar com sua renda de advogado para manter uma casa para sua crescente família em Châtillon, Georges-Marie Commerson também investiu em uma casa de campo: uma residência digna de um cavalheiro que tinha vinhas, bosques e áreas de cultivo que dariam direito a ele — e a seus herdeiros — àquela marca preciosa do *status* social, de Commerson.

Para o pai, parecia que nada iria atrapalhar o crescimento social e profissional do seu filho mais velho. Philibert de Commerson tinha apenas que percorrer o caminho preparado para ele e segui-lo. Era só aceitar que ambição, determinação e apoio da família, seguido de um bom casamento arranjado, levariam, sem dúvida, a uma projeção em nível nacional. Aquelas tais grandes incógnitas de vocação e aptidão não foram levadas em conta em nenhuma parte no plano.

Quando menino, Philibert de Commerson deu todas as indicações de que iria retribuir os investimentos financeiros e emocionais do pai. Aprendia rápido, fazia pesquisas por conta própria, não se acomodava com os ensinamentos como seus colegas mais lentos e, aos 13 anos, já tinha esgotado os recursos educacionais do clero local. Vale lembrar que o currículo do ensino básico dos alunos do século 18 incluía aritmética, geometria, gramática, grego, história, latim, lógica e retórica, e

em todas essas matérias o adolescente Commerson demonstrava uma boa capacidade de memória e raciocínio. Certo de que tinha chegado a hora (mais cedo do que ele esperava) para enviar seu filho para estudar fora, Georges-Marie de Commerson escolheu sem querer uma instituição de ensino que iria ajudar a desmontar todos os seus planos cuidadosamente preparados.

Precoce, aos 12 anos, em 1740 — no ano do nascimento de Jeanne Baret —, Commerson entrou no Colégio dos Jesuítas de Bourgen-Bresse. Hoje, qualquer turista que vá à região de Bresse, no leste da França, muito provavelmente irá atraído pela divulgação de que ali é a “Terra de mil lagos”. Devido à constituição geológica da região, com um solo rico em calcário, se formaram centenas de laguinhos e riachos. Para o prazer dos amantes da natureza, tanto agora como no século 18, Bresse tem um ecossistema único: canteiros de flores silvestres típicas da região crescem por toda parte, enquanto a mudança das estações atrai bandos de incríveis pássaros migratórios interessados nas límpidas águas que brilham ao sol. Uma paisagem tão rica em detalhes que deve ter parecido de outro planeta para Commerson.

Ninguém jamais sugeriu a Commerson que ele pudesse estudar o mundo natural ao redor dele, simplesmente andando, tocando e observando cada planta. Como os professores universitários, cuja ignorância de plantas na natureza levou à construção de jardins botânicos universitários, os estudantes eram orientados para desenvolver seus conhecimentos científicos a partir de livros ou qualquer outro recurso que pudesse ser usado dentro da faculdade. Mas, naquela escola, o aprendizado de acordo com as preferências do padre Garnier era o que seus contemporâneos chamavam filosofia natural (o que hoje seria chamado história natural e ciências da vida) e sua sala de aula preferida eram os amplos campos de Bresse.

O professor diferente que transforma a vida dos seus alunos ao fugir dos métodos tradicionais pode ser um clichê na literatura e nos filmes, mas isso não faz com que a influência dessas pessoas seja menos potente quando eles são encontrados na vida real. O hábito do padre Garnier de levar sua classe para dar aulas no campo inflamou em Commerson a paixão pela botânica, algo que durou toda a sua vida. Enquanto os mestres de outras classes exigiam a aprendizagem mecânica e recitação de longas passagens em latim e grego, que os alunos obedientemente memorizavam apenas para fugir dos castigos corporais, o padre Garnier convidava os seus alunos a observar diretamente o mundo ao seu redor, e fazia valer aquela marca registrada do Iluminismo na ciência: o método empírico de deduzir o princípio natural das coisas pela observação exaustivamente repetida. Padre Garnier e seus colegas professores de filosofia natural não viam qualquer incompatibilidade entre a jesuítica defesa da fé e pregação da doutrina católica e a busca da verdade científica.

Pelo contrário, a observação atenta do mundo natural revelava que tudo funcionava de acordo com um sistema de leis, constituindo assim a prova infalível da existência de um legislador divino, raciocínio conhecido como teofania. Sob o princípio de que todas as espécies de plantas e animais que viviam nas planícies de Bresse tinham sido deliberadamente diferenciadas por um sábio e benevolente Criador, padre Garnier encorajava seus alunos a identificar tantos exemplares da criação divina quanto possível.

Para Commerson, passear pelo campo e perceber que ele cruzava com milhares de espécies diferentes em cada caminhada foi uma revelação. Para que servia tanta variedade? Todas as plantas eram úteis para o homem? Todas as espécies haviam sido identificadas pela ciência? As perguntas de Commerson eram complexas de serem respondidas e demonstravam um poder de questionamento tão instigante que levaram Garnier a olhar aquele aluno com outros olhos.

Com certeza, a paixão de Commerson pela botânica pode ser observada em muitos detalhes, e o próprio Commerson pode nos dizer o quão rapidamente seu entendimento do mundo natural aumentou nessa etapa de sua vida. Mas, talvez, seja mais esclarecedor para sentir a intensidade do interesse de alguém, olhar as coisas que ela faz para satisfazer sua paixão.

Os cadernos de Commerson de seus tempos de escola com o padre Garnier resistiram ao tempo e mostram uma determinação impressionante para organizar amostras prensadas e secas de espécies em grupos relacionados, com comentários adicionais e verificação de medidas. Oferecem um registro tão perfeito da flora de Bresse em meados de 1700 que poderiam perfeitamente ser chamados de herbários, colocando-os na longa linha de relatos de botânicos através dos séculos que procuraram conservar uma planta em um ponto específico do tempo para futuros estudos.

Os estudiosos da época usavam e acreditavam nesses trabalhos de referência que mostraram plantas úteis em todas as fases de seus ciclos de vida, embora, visto com o conhecimento de hoje, esses primeiros herbários sirvam apenas para destacar quão pouco se sabia das plantas no campo. Quando Commerson estava com 15 anos, seu herbário de múltiplos volumes já era um dos melhores do seu tipo pela variedade de espécimes preservados, embora o adolescente relatasse apenas um conhecimento banal sobre as espécies. Ele não tinha o conhecimento especializado, que era uma exclusividade das mulheres das ervas.

Apesar de suas folhas, flores e anotações estarem todas em papéis que poderiam facilmente terem se perdido, os cadernos de Commerson foram preservados ao longo de dois séculos e meio. A perfeição do trabalho deixa evidente que os vários volumes representaram horas de árduo trabalho realizado às custas dos outros